

Portugal na rota dos novos cabos submarinos internacionais

Maria Amélia Costa

Há muito tempo que a China manifesta de forma reiterada o seu interesse pela centralidade dos Açores, no Atlântico, posicionando-se no cruzamento de rotas marítimas globais. Como referiu o embaixador da China, Zhao Bentang, numa visita aos Açores: “Portugal e China são parceiros estratégicos. Temos relações excelentes em todas as áreas...vimos cá para estudar e procurar mais oportunidades...”.

Quando falamos dos Açores, lembramo-nos da Base das Lajes. De facto, a Base foi historicamente e é atualmente um ponto estratégico de importância fundamental na geopolítica e na geoestratégia internacional, pela sua localização no “coração do Atlântico”,

não só no plano da segurança e defesa, como foi tradicionalmente, mas atualmente também nas áreas científicas, tecnológica e na transição digital.

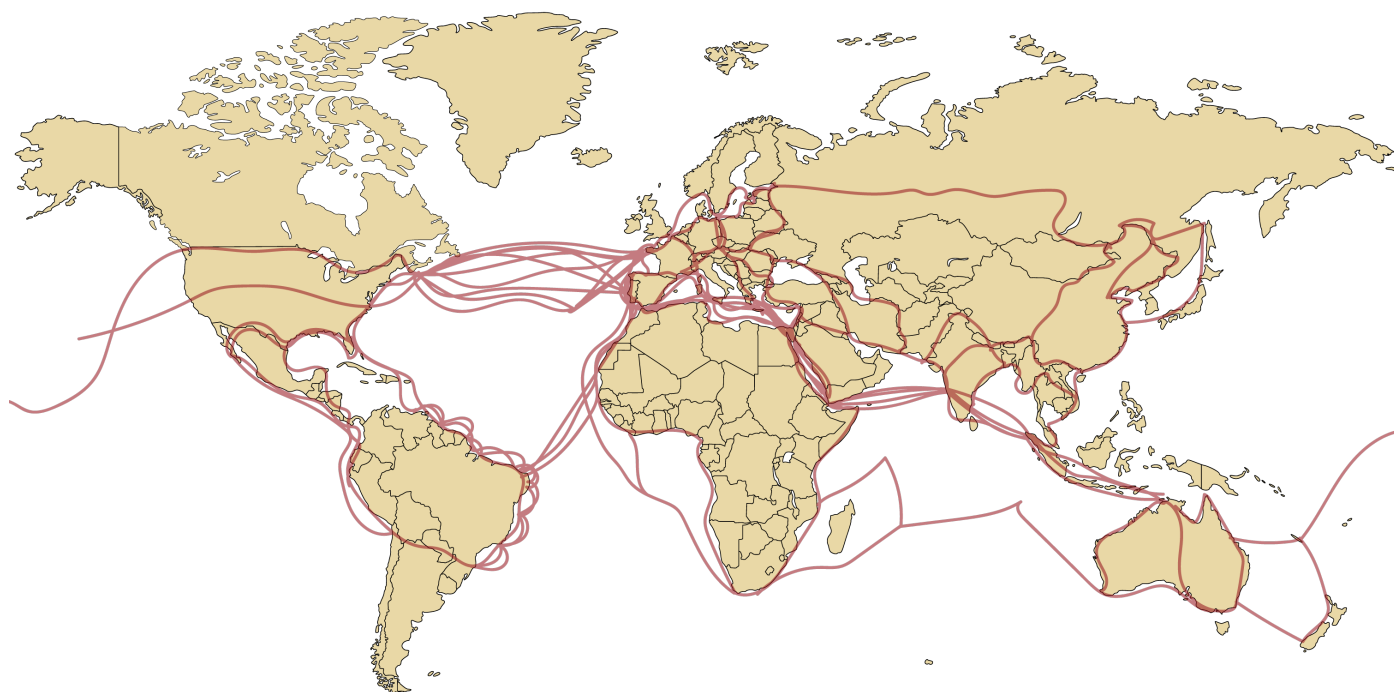
A Base das Lajes foi relevante na Primeira Guerra Mundial, no contexto da Aliança Luso-Britânica, e na Segunda Guerra Mundial, também no contexto desta Aliança, embora utilizada pelos Estados Unidos da América (EUA), depois, para afirmação e expansão do poder norte-americano; na sua transformação em potência hegemónica mundial, aquando da Guerra Fria que opunha este país à antiga União Soviética; e mais tarde em vários outros contextos de ações da NATO e de intervenção e operações de manutenção da

paz em vários países do Médio Oriente.

A relevância geoestratégica dos Açores

Adormecida durante décadas, despertou quando a comunicação social, na sequência do desinvestimento dos EUA, deu notícia do potencial interesse da China na Base. Desde então, várias notícias têm dissecado o tema. No entanto nada se alterou. O Acordo de Cooperação e Defesa entre Portugal e os EUA, mantém-se e o Estado português não tem demonstrado vontade política para a renegociação do mesmo.

Figura 1 – “Os cabos submarinos no Atlântico Norte no início do século XX”



Fonte: “A Horta no Tempo dos Cabos Submarinos”, de Cardigos, F. (s.d). A Diáspora – Na Divulgação da Lusitanidade, disponível em <http://www.adiaspora.com/cronicas/cabos%20submarinos%202013.html> (acedido a 2 Novembro de 2023) (Cardigos, sem data)

Contudo, Portugal tem atualmente várias janelas de oportunidade, em termos internacionais, em várias áreas. Os Açores nunca deixaram de representar um ponto estratégico de elevada importância no Atlântico, não só para os EUA, mas também para outras potências, como a China, sendo esta, atualmente, a segunda maior economia do mundo. Esta centralidade geográfica é disputada na cena internacional, na área científica (pelas suas águas profundas); e nas comunicações, no âmbito da transição digital, onde o Estado Português está empenhado em atrair investimentos estrangeiros na área da conectividade internacional.

O programa do XIII Governo da Região Autónoma dos Açores refere ser “essencial valorizar a dimensão geoestratégica açoriana”. Tal posição “confere à região um relevante papel no âmbito dos compromissos internacionais do Estado Português, assumidos em organizações internacionais de defesa e de cooperação, bem como em relações bilaterais com Estados terceiros com os quais o Estado português tem acordos de cooperação e defesa ou de concessão de facilidades militares.”, mas a Região deve participar nas negociações que lhe digam respeito, por forma a acautelar os seus próprios interesses¹.

Os Açores no centro da conectividade digital internacional

A 12 de janeiro de 2022, o secretário de Estado das comunicações, Hugo Mendes, referiu no discurso de abertura do encontro sobre “Geoestratégia do Ecosistema Digital em Sines na Tran-

sição Digital Europeia e Mundial” que “nos próximos três anos Portugal vai receber novos cabos submarinos, que vão ajudar a reforçar a posição do país enquanto porta de entrada da Europa, para quem está do outro lado do Atlântico.”

Várias empresas estão a preparar-se para a instalação de cabos submarinos em Portugal, como a Google e o Facebook – para referir as mais conhecidas –, assim como os investimentos que estavam projetados para a instalação do maior data center da Europa, alimentado por energia renovável, que seria construído em Sines, conhecido como Start Campus.

“Entre 2021 e 2035, estima-se que a utilização de cabos internacionais através do Atlântico se multiplique por cinco(...)”

No entanto, as polémicas que levaram à queda do XXIII Governo Constitucional, onde se incluem os negócios relativos ao Porto de Sines e à Start Campus, podem vir a adiar ou até a perder estas janelas de oportunidade para atrair investimento estrangeiro, e aqui os Açores seriam uma alternativa válida para o efeito, no sentido de recuperar em tempo útil estes projetos e manter estes investimentos. Porquanto aqueles que estão implicados no processo judicial, denominado “Influencer”, sabendo a morosidade da justiça portuguesa, dificilmente se vão

concretizar no tempo que as empresas estrangeiras pretendem.

Entre 2021 e 2035, estima-se que a utilização de cabos internacionais através do Atlântico se multiplique por cinco. A região está entre as geografias de maior crescimento em termos de procura de tráfego de dados, como é o caso do novo cabo submarino do Facebook para a ligação transatlântica. Tais previsões justificam de per si uma atenção especial do Estado português, no sentido de aproveitar de forma informada e sustentada em equipas de estudo multidisciplinares como forma de aproveitar esta oportunidade única na transição digital.

Estruturante e estratégico para as regiões autónomas e para o continente é o processo de substituição dos cabos submarinos do anel Continente, Açores e Madeira (CAM) que deve estar concluído em 2026. Nestes cabos serão instalados sensores que permitem prever atividade sísmológica.

Alguns elementos históricos sobre a rede de cabos submarinos

Historicamente, os Açores ficaram ligados à rede mundial de cabos submarinos a partir de 1893, ano em que foi lançado o primeiro cabo telegráfico para o arquipélago. O governo português celebrou um contrato pelo prazo de 25 anos com a companhia inglesa “The Telegraph” para o lançamento e manutenção dos cabos. Tal contrato concedia direitos exclusivos de exploração a esta empresa e permitiam o envio de telegramas via cabo, destinados às diferentes localidades açorianas e vice-versa.

Figura 2 - "Portugal é Mar"



Fonte: Regional Innovation Forum for Europe - September 2021.(Cabral, 2021). ANACOM, disponível em : https://www.itu.int/en/ITU-D/Regional-Presence/Europe/Documents/Events/2021/Regional%20Innovation%20Forum/Regional%20Innovation%20forum%20for%20Europe%202021_%20complete.pdf

Este primeiro empreendimento significou um passo importante na quebra do isolamento das ilhas e uma possibilidade de comunicarem com o mundo. No entanto, só a partir de 1899, mediante um novo contrato que permitia abertura dos Açores à instalação de cabos americanos, alemães e italianos foi possível dar ao arquipélago grande relevância internacional. Já em 1902, como se pode ver no mapa, foi possível mapear uma série de cabos de conectividade internacional.

Ao longo dos anos foram surgindo novos cabos telegráficos, que correspondiam a outras ligações, da América à Europa, até África, atingindo um total de quinze cabos, em 1920.

Depois da Primeira Guerra Mundial, o Tratado de Versalhes retirou aos alemães a posse dos cabos que tinham

no arquipélago, depois distribuídos pelas várias empresas interessadas, inglesas, francesas e italianas. Tais cabos já tinham sido cortados pelos ingleses, logo no início da guerra, por razões estratégicas, para impedir as comunicações alemãs.

Estas empresas contratavam portugueses para integrar as suas equipas e chegaram a manter, no conjunto, várias dezenas de trabalhadores, quer como técnicos, quer como operadores. Assim, o cabo submarino na sua designação genérica constituiu durante décadas uma fonte de emprego para muitos jovens açorianos, com ofertas salariais vantajosas.

Na década de cinquenta, verificou-se a nível internacional um exponencial progresso no domínio das telecomunicações, que levou à instalação de

novos cabos dotados de uma imensa capacidade de transmissão. O fim do tempo dos cabos nos Açores, nos finais da década de sessenta, com o encerramento das estações estrangeiras lá existentes, veio pôr fim a uma época marcada pelo progresso a vários níveis, até do ponto de vista cultural pela forte vivência social dos estrangeiros com açorianos.

As rotas transatlânticas passaram a ser feitas mais a norte (entre a Irlanda, Reino Unido, Canadá e Estados Unidos), pois configuram o trajeto mais curto. Contudo, os riscos associados à dependência mundial da conectividade internacional e a atual instabilidade inerente aos contextos geopolíticos e geoeconómicos fazem com que a mitigação dos riscos seja feita não exclusivamente a norte, mas pela diversifi-

cação das rotas. É neste contexto que os Açores reassumem uma importância geoestratégica acrescida, em termos internacionais.

“O fantasma de corte da conectividade a nível internacional assusta o mundo e obriga a projetar alternativas, em função da forte dependência de setores básicos, como atividade bancária, económica e consequentemente social(...)”

Dos Açores para o Mundo: Os Cabos Submarinos

Os cabos submarinos são sistemas complexos que incluem comunicações e energias (para a amplificação de sinal) e atravessam oceanos e mares no subsolo marinho, o que se reveste de extrema importância, quer para a recolha de dados fundamentais para as dinâmicas oceanográficas, meteorológicas; quer para a deteção de atividade sísmica, em tempo real permitindo um aviso antecipado. Atualmente, a recolha de dados do fundo do mar em tempo real está limitada a boias de custos avultados e as campanhas marítimas de exploração que, não garantindo uma continuidade temporal na recolha de dados desejável, continuam a ter custos elevados.

Com esta consciência a ITU, VMO e a UNESCO IOC criaram a JTF Smart Cable (Scientific Monitoring And Reliable Telecommunications), em 2012, com o intuito de estimular a indústria a integrar sensores nos cabos submarinos, usando a energia já existente e, desta forma, rentabilizar sistemas complexos e morosos para outros objetivos. A partir de 2019, Portugal passou a promover e a contribuir de forma ativa e positiva para a missão da JTF Smart Cable, podendo o futuro anel CAM (anel de cabos entre Continente, Açores e Madeira) ser o primeiro cabo submarino de comunicações óticas de sensorização molhada.

Portugal na liderança científica sismológica

Em novembro de 2022, foi assinado um protocolo entre o Instituto Português do Mar e Atmosfera (IPMA) com uma empresa de fabrico e manutenção de cabos submarinos de fibra, tendo em vista potenciar o desenvolvimento de projetos de investigação científica, para estudo da utilização de cabos para a deteção e alerta antecipado de sismos e tsunamis. Este protocolo surge na sequência de outro celebrado em setembro de 2020, com o Instituto de Telecomunicações com semelhantes objetivos.

O acesso à infraestrutura de cabos assume grande relevância do ponto de vista sismológico, desenvolvendo experiências pioneiras a nível mundial para perceber o potencial dos cabos submarinos para monitorizar eventos sísmicos. Trata-se de uma grande inovação do ponto de vista científico ao mesmo tempo que abre a possibilidade de dispor de métodos de alerta

mais fiáveis para a proteção das populações e acerca da resiliência costeira, podendo, desta forma, poupar muitas vidas e tornar Portugal um dos líderes mundiais neste domínio.

O Estado português assinou contratos com empresas privadas para instalação, gestão e exploração de redes de comunicações eletrónicas de alta velocidade na região dos Açores. Estas redes permitem o acesso à internet de alta velocidade e a outros serviços avançados como a telemedicina e o ensino à distância dando um importante contributo ao crescimento, inovação, coesão social e territorial, reduzindo a chamada clivagem digital que separa estas zonas.

Portugal, especialmente a região dos Açores, com a sua posição geográfica, pode tirar partido deste posicionamento, quer pelo investimento nestas tecnologias, quer pela atração de sistemas de cabos submarinos em complemento a rotas transatlânticas mais a norte. Esta pode ser uma forma de mitigação de riscos que, no contexto atual de instabilidade internacional, são incontornáveis, sendo aqueles considerados infraestruturas críticas e, por isso, potencialmente sujeitos a ataques de vária ordem, que podem pôr em causa a sobrevivência das próprias economias.

Custa imaginar um mundo sem conectividade, onde nada funcionaria e imperaria o caos. Esta possibilidade reforça a necessidade de ter rotas alternativas aos cabos do Norte, tornando-a uma emergência internacional. E, aqui, a localização geográfica e as condições da costa portuguesa, especialmente dos Açores, também pela

sua ampla zona económica exclusiva, adquirem importância no plano internacional, para, no caso de um eventual ataque aos cabos do Norte, manterem o mundo conectado.

O fantasma de corte da conectividade a nível internacional assusta o mundo e obriga a projetar alternativas, em função da forte dependência de setores básicos, como atividade bancária, económica e consequentemente social. O mapa aqui reproduzido mostra a quantidade de cabos que passam na zona económica exclusiva (ZEE) de Portugal, especialmente na ZEE dos Açores.

O mapeamento existente, prova a importância inequívoca da posição geográfica dos Açores, no plano internacional e obriga Portugal a estar atento a episódios como o ocorrido há alguns meses, quando um avião da Força Aérea Portuguesa, numa ação de patrulhamento, deu conta de um navio da marinha russa, na zona económica exclusiva do arquipélago dos Açores. Terá a Federação Russa a reutilização, em contexto de guerra com a Ucrânia, da Base das Lajes ao serviço da NATO?

Referências

¹ Programa do XIII Governo da Região Autónoma dos Açores, Governo dos Açores (2020). <https://portal.azores.gov.pt/documents/36169/2381071/>

Outras Referências e Notas

Açores, D. D. (2023, June 22). Há cada vez mais navios russos detectados ao largo dos Açores. Diário Dos Açores. <https://diariodosacores.pt/NewsDetail/ArtMID/380/ArticleID/14010/H225-cada-vez-mais-navios-russos-detectados-ao-largo-dos-A23lores>

Cabral, M. C. (2021). Regional Innovation Forum for Europe—September 2021. ANACOM. <https://www.itu.int/en/ITU-D/Regional-Presence/Europe/Documents/Events/2021/Regional%20Innovation%20Forum/Regional%20Innovation%20forum%20for%20Europe%202021-%20complete.pdf>

Cardigos, F. (sem data). A Horta no Tempo dos Cabos Submarinos. A Diáspora – Na Divulgação da Lusitanidade. Obtido 3 de novembro de 2023, de <http://www.adiaspora.com/cronicas/cabos%20submarinos%202013.html>

Comandante diz que base das Lajes tem «ótima localização» para apoio à Ucrânia. (2023, maio 5). Diário de Notícias. <https://www.dn.pt/sociedade/comandante-diz-que-base-das-lajes-tem-otima-localizacao-para-apoio-a-ucrania-16300291.html>

Morais, S. (1903). A Aliança Luso-Britânica e a Defesa das Costas Portuguesas.

Portugal e China assinam plano de ação para a economia do mar. (2017, outubro 31). <https://www.portugal.gov.pt/pt/gc21/comunicacao/noticia?i=portugal-e-china-assinam-plano-de-acao-para-a-economia-do-mar>